

rem, vou-me considerando o primeiro donatário da alma da Ilha Graciosa que lá me obrigaram a descobrir, em boa ou má hora, para aqui ver oscilar, ao parecer dos olhos, *o lindo açafate de flores* sôbre salva azul, lavrada nos vivos relevos da prata do Mar.

19 de Abril de 1940.

COROAÇÕES — IMPÉRIOS

N ESTES domingos das oitavas da Páscoa, até à Trindade, enquanto o sino dobra para a missa conventual, as ruas da vila animam-se de repetidas procissões, abertas em longas filas de gente, com seus bordões de romeiros. E todos a cantar atrás de guiões vermelhos, seguem lentamente, acompanhando vistosas coroas e cetros de prata que vão ser levados ao altar do Espírito Santo.

Vivemos agora no período litúrgico das *coroações* e *impérios*, festividades de viva e remota tradição nos Açores. São celebrações muito faladas e largamente descritas em todo o Arquipélago, para

que fôsse necessário e oportuno vir eu aqui dar minuciosa relação delas. Não deixam contudo de provocar algumas serenas reflexões a quem por acaso aqui chegou a surpreendê-las, sempre a decorrer no meio do rêspeito geral da população em que não será fácil encontrar indiferentes na fé dêste culto.

Descobrimdo-se todos à vista da insígnia portadora da pomba simbólica da Terceira Pessoa Divina, vão-na assim contemplando com mais fervoroso recolhimento do que adorariam o Santíssimo em pompa, ou o sagrado Viático a passar para casa de um irmão enfêrmo.

À vista do poder absorvente desta devoção, pelo menos nas suas reluzentes exterioridades, chega-se a desconfiar que para muitos e muitos açorenses, só o Espírito Santo é Deus. . .

No fim da missa, várias vezes perturbada pelo impetuoso ingresso de coroas e bandeiras, aproxima-se do altar o sacerdote, paramentado de pluvial, e no supedâneo ajoelham as crianças coronandas

que começam por ser aspergidas ritualmente.

Depois, celebrante e postulantes sucessivamente beijam os cetros e as pombinhas de asas abertas sôbre a esfera das coroas que por sua ordem, vão sendo postas nas cabeças dos inocentes.

E por esta investidura, cada uma das crianças ali foi sagrada imperador ou imperatriz, para o momento solene em que a voz do oficiante entoaa o *Veni Creator Spiritus*.

Organiza-se para sair a procissão conjunta dos devotos que depois se vai desdobrando em tantas quantas forem as irmandades com seus pequeninos soberanos de contos de fadas, todos a caminhar sob o pêso das coroas oscilantes, e a demonstrar, mesmo em cerimónia simbólica, como é difícil suportar com firmeza o encargo de tal insígnia. . .

O guião lhes abre caminho no regresso à morada de onde há pouco saíram, com a folia à frente ou a filarmónica a acompanhar o cortejo, ruídosamente.

A coroa benta volta a ser deposta na mesa armada em altar dentro de casa, e sempre alumiada por velas, ali ficará recebendo culto da família e dos fiéis que a queiram venerar, de dia ou de noite.

Para lhe fazer honra, vai inclinar-se junto dela a bandeira da respectiva confraria, a qual sempre é subida pela janela com guarnição de colcha pobre ou rica, em gala de tanto júbilo.

A obrigatória serventia da janela para a entrada e saída da bandeira, em casas pequenas e grandes, deverá aqui praticar-se pela consideração de que o Espírito Santo, representado também na pomba da haste, desce do céu, e não seria lógico nem digno que entrasse pela porta quem nunca toca as pedras da rua... Só se abre excepção para a casa de algum humilde pobrezinho que janela não tenha.

Pela tarde do mesmo domingo, a coroa é transferida para a morada de outro irmão da respectiva confraria, de entre os escolhidos para o ano decorrente, e nela se exporá à veneração

outros sete dias, para depois se repetir a cerimónia com substituição do pessoal no seu conjunto, recebendo os nomes de imperador (ou rei) e de dignatários da côrte: alferes da bandeira, trinchante, mordomo, pajem, veador e outros.

A condução da coroa para casa dos novos figurantes ou festeiros é encargo exclusivo das raparigas que se alinham a cantar o têrço em grave e suplicante toada. E pensa-se em tal momento que nenhuma oração mais de perto se relacionaria com o Espírito Santo do que as palavras em seu nome trazidas à Virgem Maria na saüdação do Arcanjo Gabriel.

Ao povo desta vila ensinou a rezar o têrço vai para três séculos, o missionário do Brasil, padre António Vieira, e as vozes de hoje cantam-no com fervor de penitência, em côro brando e dulceroso, a testemunhar a aptidão musical que os açorenses revelam a tôda a hora, nos lares, nas ruas e nos campos.

Segundo dizem e leio, são inúmeras as variantes oferecidas por esta devoção

dos impérios, de ilha para ilha e até de terra para terra, como acontece às criações de índole popular, desde a quadra ao auto e à comédia. Mas talvez a diversidade se possa filiar também na própria degenerescência da celebração, neste moderno estádio em que maior atenção merecem os efeitos espectaculares do que o seu místico sentido nos primeiros tempos.

Mas, se os impérios e coroações caíssem em completo desuso, como prática religiosa e exibição de galas e vaidades, quem no futuro quisesse conhecê-los, bastaria haver à mão os estudos de Gervásio Lima, do padre Ernesto Ferreira, de José da Silveira Avelar, dos Drs. Soares de Sousa, Urbano de Mendonça Dias e outros folcloristas das diversas ilhas.

Por êles se demonstra que estas festividades andaram (e andam) mais generalizadas do que a recitação do credo ou a obrigação da missa, assumindo forma de culto popular autónomo, rebelde ufanía de aparência cismática, embora sem sombra de intenção para condenar...

Por outro lado, a alma das coroações e impérios, pelas expressões da música e da côr, encontra-se definitivamente fixada pelos cuidados de dois ilustres açorenses: na recolha das melodias que devem ter ficado no espólio de Francisco de Lacerda e na fiel interpretação do pintor Domingos Rebêlo.

Hoje ainda, ao ver passar as crianças com insígnias de realeza, amparadas sollicitamente, entre o respeito geral e o enlêvo dos parentes, parece que a coroação açoriana é o oitavo sacramento dêste povo cristão, ao menos naquelas famílias, cuja abastança lhes permite o luxo das despesas da festa e respectivo bodo.

Assim, em todo o Arquipélago, estas devoções irão subsistindo, obedientes à tradição dos primeiros povoadores, num século afervoradas por votos contra calamidades cósmicas, e noutra proibidas pela Igreja com motivo em abusos de feição pagã, através de longa e acidentada vida. E pela atracção da pompa, pela expansão e desafôgo das almas e pelo gôsto dos

banquetes, já a devoção se exercita com igual aparato e fervor pelos açorenses emigrados na América. Desta sorte, a sua vida pareceria assegurada, ainda quando andasse para se perder nas almas a fé no Espírito Santo. . .

Pelas igrejas rurais do Reino, eram numerosas as figurações da Trindade, por todos bem conhecidas, a que o povo ainda hoje dá a designação exclusiva de Espírito Santo. Não admira que remonte aos primeiros séculos de Portugal o especial culto da Divindade na Terceira Pessoa, se êle pode até referir-se à própria idade apostólica: *Derramarei o meu espírito sobre tôda a carne*— estava profetizado na Lei Antiga por Joel, conforme São Pedro relembra, ao justificar em Jerusalém o milagre do Pentecostes.

Até à pouco (ou ainda hoje) a devoção popular subsistia na Beira-Baixa, pelo menos em freguesias dos concelhos de Fundão e Penamacor, onde vi algumas folias encorporadas na procissão da Ressurreição, com a sua bandeira e os outros

objectos do culto aqui empregados; e havendo referências documentais relativas a outras terras, nenhuma dúvida pode agora opor-se à certeza de que esta prática religiosa foi do Reino trazida pelos povoadores do Arquipélago.

Celebrando-se festas do Espírito Santo, promovidas por confraria própria no primeiro quartel do século XIII, já não pode ter sido a Rainha Santa quem deu origem à devoção, mas por certo do seu tempo procede a feição palaciana que a celebração até agora manteve (1).

A Rainha Isabel que pensava e beijava os leprosos por caridade, convencendo El-Rei D. Denis a colaborar na glorificação de um pobre pela imposição da coroa real na sua cabeça, fêz acto de puro franciscanismo, de extremado espírito evangélico, submetendo a efêmera realeza da terra à excelsa realeza da humildade, para maior glória no céu.

(1) J. LEITE DE VASCONCELOS — *Mês do Sonho*, pág. 76.

Depois, repetida tal prova por nobres e povo, à imitação do exemplo dos Reis, ou por verdadeiro impulso místico, os bailados e folias, as charambas, conforme o apelativo de há cem anos, devem ter logo surgido como exteriorizações do júbilo cristão das almas, verdadeiros cantos e danças sagradas, por haver alguém que digno fôsse de receber a graça do Paráclito ou Consolador.

A cerimónia medieval na Sé de Coimbra, segundo a história ou a lenda poética e piedosa, pela qual foi coroado um mendigo, romeiro ou ermitão, claramente procurava exaltar a humildade, como é da essência do espírito cristão, repetidas vezes afirmado nos Evangelhos.

No céu também foi coroada a Virgem Maria, a mais bem-aventurada das criaturas, que nos mistérios da Anunciação e da Visitação humildemente se declara *escrava do Senhor*.

Segundo era de razão, fazia-se em adultos a coroação antiga, e ainda muitas pessoas aqui se lembram de homens

do campo que à igreja vinham recebê-la, por promessa feita e graça alcançada.

A sistemática adopção das crianças para as modernas coroações, se chama sobre as suas almas os dons do Espírito Santo, deve representar adulteração do primitivo sentido de cerimónia.

Começaram a coroar-se inocentes, talvez porque a infância espiritual e a humildade que se destinavam a exaltar, não podem viver aliadas ao corrente orgulho dos adultos: já fôra a criança que no Evangelho Jesus propusera aos homens para modelo de perfeição. Se a maior glória do céu está prometida aos humildes de coração, cada vez mais eles vão rareando nos Açores e também no mundo todo, e cada um de nós poucos terá visto em sua vida...

Segundo me observam, a descaracterização externa vai-se operando, a substituir as velhas folias e suas opas pelas filarmónicas e suas vistosas fardas, o que muito é para sentir, pois algumas não hesitarão em tocar nas Coroações a

marcha da Aida ou guisalhantes rapsódias de arraial saloio.

Todos reconhecem que a gulosa função da comezaina sobreleva já muito a liturgia da celebração no seu admirável simbolismo, a perder-se em tumulto de interpretações e variantes.

Hoje seria para desejar que a cerimónia se restituísse à consciência e significado da sua beleza espiritual, por diligente e oportuna colaboração do clero e do povo açorense.

Por estas ruídas manifestações, surpreende-se o antigo culto dos fiéis a proclamar: o Espírito Santo existe como Pessoa Divina, e representa-se sob a forma de pomba, segundo São João; será dado pelo Pai aos que lho rogarem, como ensina São Lucas, e por isso deve crer-se na virtude da oração suplicatória...

.....
Por estas tardes de litúrgica alegria, na quietação da vila sempre pasmada para o céu, ou recolhida com medo dos açoites do vento e do mar, revolteiam as

brancas pombas em bandeiras vermelhas, e sobre cabeças de anjos de carne, estremeçam a reluzir as coroas de prata.

Entoando a medo sua cantata votiva, os últimos foliões de Santo Amaro e das Fontes, com as opas a esvoaçar, vão seguindo o melancólico alarme do seu tamborileiro. E a toada medieval das suas vozes parece esvaír-se em saúde ou agonia, ao metálico estrugido da filarmónica que enche estes ares e com certeza não chega aos céus...

5 de Maio de 1940.